

F. Delduque

FF e RR

ASSIGNATURAS PARA A CAPITAL
Trimestre 5\$000
Semestre 10\$000
Anno 18\$000

REDACÇÃO
23 — Rua de São Bento — 23
[SOBRADO]

ASSIGNATURAS PARA FORA
Semestre 12\$000
Anno 20\$000

ANNO I

S. Paulo 21 de Dezembro de 1890

N. 1



DR. JORGE TIBIRIÇA'
Segundo Governador do Estado de S. Paulo

689

S. Paulo, 21 de Dezembro de 1890.

Dr. Jorge Tibiriçá

Inauguramos hoje a nossa primeira pagina com o retrato do dr. Jorge Tibiriçá, actual governador do Estado de S. Paulo.

E' uma justa homenagem que prestamos, encetando a nossa carreira jornalística, ao distincto cidadão que com tanto criterio tem conseguido manter a administração do Estado no mesmo gráo de prestigio e de moralidade em que a deixou o dr. Prudente de Moraes.

Moço ainda, dotado de grande talento e de uma vigorosa illustração adquirida na Universidade de Zurich, na Suissa, e noutras universidades allemãs, tudo ha a esperar dos seus precedentes de republicano convencido e de partidario dedicadissimo, que lhe granjearam sempre a maior consideração entre os seus correlegionarios politicos.

Attentos esses precedentes e attenta a direcção dada até agora aos negocios publicos, é de crêr que o dr. Tibiriçá saberá manter sempre a sua administração no nivel elevado do patriotismo e da dedicação ao bem publico.

Ada Bonner

Damos hoje em nosso primeiro numero o retrato da sig. Ada Bonner, soprano *leggero* da companhia lyrica que actualmente trabalha no theatro S. José.

O publico paulistano já applaudiu a gentil artista que debutou com a *Sonambula*.

Ha um facto interessante na vida da sig. Ada: Nasceu na Inglaterra, foi educada na Allemanha e fez a sua carreira artistica na Italia!

E' o que mais ou menos se póde dizer: tem uma educação... completa.

A sig. Ada Bonner possui uma *piccola voce*, porém de agradabilissima suavidade, sabendo modular-a de maneira a fazer a gente dar-se por muito satisfeito; e até desejar mais uma pouca daquellas melodias que desapparecem, deixando-nos ao ouvido a saudade de uma causa muito harmoniosa, quasi celestial...

A' belleza de sua voz, a sig. Ada reúne a comprehensão dramatica dos pa-

peis de que se incumbe, o que, numa artista-cantora, quasi nunca infelizmente encontra o publico.

Sabe representar. Sabe, ouvir sabe em fim *pisar em scena*, muitissimo regularmente.

Damos, pois, parabens a sig. Ada pelo successo que obteve em S. Paulo; e para o nosso prazer, aqui fica, *in eternum* em o nosso jornal com o seu retrato, uma recordação muito sympathica, muito agradável, de umas ricas noites de arte, e boa musica.

Dizem...

... que, uma vez annunciada pela nossa imprensa a vinda do *FF e RR*, era elle esperado com notavel anciedade pelo publico como si fôra o redemptor dos costumes entre nós...

... que o sr. dr. Brazilio Machado, porém, ao saber disto, ficou de nariz torto e olhar tresvariado...

... que esta circumstancia não passou desapercibida ao seu amigo, sr. dr. Corrêa Dias, que perguntou-lhe com certa malicia: «*Pois tens assim tanto medo do—ridendo castigat mores?*»...

... que o sr. dr. Brazilio, cada vez mais pensativo, respondeu ao seu amigo: «E' que dizia o nosso mestre Tolentino—*Eu dou golpe nos costumes e julgam que é nas pessoas*»...

... que o sr. dr. Corrêa Dias procurou pôr termo ás apprehensões do seu camarada, insistindo ainda: «Mas o que tem vossê com o pai da bezerra?»...

... que o sr. dr. Brazilio Machado respondeu-lhe sem pestanejar: «*E' que afinal de contas, os defeitos tornam-se ramificações da vida do homem, e eu sem certos que tenho ficaria reduzido a tronco esguio esecco*»...

... que o sr. Marquez de Tres Rios, por sua vez, ao saber da vinda do *FF*

e *RR*, exclamou aterrorisado: «*Ahi vem mais um syndicato e o diabo traz nome de inglez*»...

... que o sr. dr. Arthur Prado, o corrector em grosso e por atacado, procurou tranquilisar o sr. Marquez, dizendo-lhe que não havia tal, que não era um syndicato e sim um jornal caricato...

... que o sr. Marquez, pelo contrario, incommodou-se mais com a explicação e respondeu-lhe com azedume: «*Peor ainda*»...

... que o sr. Victor Nothmann, muito pelo contrario, sorriu-se ao receber a noticia, e teve a idéa de organizar uma companhia para a compra daquelle jornal, repetindo em seguida a sua phrase costumeira: «*Assim como as flores nascem!*»...

... que o sr. Cicero Bastos achou maravilhosa e approvou a idéa do sr. Nothmann...

... que o sr. dr. Jesuino Cardoso, saltitante e lesto, preparava-se já para pô-la em pratica, quando o sr. Cicero Bastos tratou de contel-o, dizendo-lhe paternalmente: «Não, as cousas não se fazem assim: *combinemos primeiro—o bonus*»...

... que nessa occasião passava o sr. Upton suando e luzidio como um queijo do reino...

... que o sr. dr. Herminio Lemos, que é muito grulha, deteve-o a custo, perguntando-lhe em seguida: «*Oh! Upton, onde vai vossê com tanta pressa*»...

... que o sr. Upton, exforçando-se por seguir o seu caminho, respondeu todo satisfeito ao seu interlocutor importuno: «*Eu ando passando as acções para a compra da companhia lyrica*»...

... que o sr. dr. Abilio Vianna cheirou que a cousa era boa e quiz logo fe-

zer amizade com o sr. Upton e disse-lhe familiarmente, batendo-lhe no costado: «*Por isso que vossê é um dos mais entusiastas nas noites das representações, hein?*»

... que o sr. Upton gostou muito da chalaça, pois via naquillo uma pontinha de elogio ao seu bom gosto pela boa musica, e accudiu logo, affectando modestia: «*Ah! eh! sim?... eu me agito, dou palmas e pinto na minha poltrona por causa das pulgas que lá não me deixam!*»...

... que nessa occasião chegou o sr. dr. Bentinho Camargo, que ainda ouviu ao sr. Upton, e, dirigindo-se aos demais circumstantes, atirou-lhe com esta: «*A peor pulga que lá persegue o Upton, é a competencia do Bezerra*» ..

... que, a vista desse gracejo de máu gosto, o sr. Upton tornou-se repentinamente sério, passou o lenço pela extensão calva e pescoço, e, sem mais offerecer acções aos seus amigos, sahiu vendendo—azeite...

... que realmente o sr. Bezerra tem dado sorte e tem se tornado a figura mais proeminente da nossa platéa...

... que a sua cotação tem subido na razão do agio das acções da Cantareira...

... que o sr. Bezerra, apesar de pequeno, tornou-se realmente grande e os demais leões da moda sentem-se todos offuscados deante de seu correcto porte de conquistador...

... que o FF e RR, o recém-nascido, ao sahir á luz, tem a honra de nomear ao sr. Bezerra para represental-o junto do *high-life* paulistano, transmitindo-lhe os seus respeitosos cumprimentos...

... que, com relação a banqueiros, directores de companhias, politicos e *tutti-quantum*, em breve fará boa camaradagem e vida regalada...

ZOLLO.

SALA D'ARMAS

AO COVEIRO

Espera um pouco! Espera um pouco ainda, quero dizer-lhe adeus, quero beijar-s ! Pois tu não ves que o seu olhar me fala prostrado mesmo pela noite infinda?

Deixa beijar as mãos daquella morta, deixa aquecer-lhe o sangue enregelado, ainda que eu tenha de morrer tombado na sepultura della... que me importa!

Dizem que á noite os genios bemfazejos fecundam tumbas, entre-abrem campas... E que do fundo alevantando as tampas foga cantando um turbilhão de beijos...

Beijos de amalos, supplicas de amante, tristes chòros de dor e desconforto, que vão buscando o seu extremo porto nas solidões azues dos ceus distantes...

Deixa fugir os sonhos desta santa, quero acolhel-os todos na minha alma, onde ha muito alojou-se a ferrea calma da saudade sem fim que chora e canta!

Olha, coveiro, um dia ella chegara de outro clima melhor, de outros paizes... Breves foram-lhe as horas mais felizes, breve chegou se a ella a morte avára.

E ella foi definhando, definhando, como uma estrella ao despontar da aurora... Lentas vagavam aves campo em fora de sarçal em sarçal cantarolando...

Ella morreu enfim sobre meus braços, ella entregou-me o alento derradeiro... Deixa, deixa beijar-a ainda, coveiro, deixa entregar a ella os seus abraços...

10—12—90.

Canto e Mello.

NO MEU POSTO

Apoiado ás ombreiras da casa onde funciona a Bolsa, á rua da Imperatriz, de charuto ao queixo e bengala dançando-me nos dedos, fiquei hontem quasi todo o dia observando o grande movimento da nossa rua do Ouvidor e analysando os transeuntes que por ella passavam.

Vi uma porção de moças, cada qual mais pschutt, como se diz em inglez; e algumas dellas me deitavam olhares tão suaves e tão doces, que não pude resistir ao desejo de escrever alguma cousa no FF e RR sobre estas endiabradas pequenas da rua da Imperatriz que me trazem todos os dias a cabeça numa roda viva.

Gosto muitô de algumas dellas e, confesso que quando vejo uns olhos negros num rosto formoso fico ás vezes tão atrapalhado, que é preciso entrar repentinamente na *Paulicéa* para tomar um calmante.

Ainda o outro dia ia eu penetrando na *Paulicéa* para aquelle fim, quando esbarrei com uma familia distinctissi-

ma, onde havia uma menina de tal modo seductora, que foi para mim um tormento.

Quiz desviar-me da familia e fui de encontro a uma vidraça de doces, a qual partiu-se; com o barulho dos vidros que se quebravam, a familia fugiu espavorida e a encantadora menina desapareceu como uma borboleta perseguida.

Nunca mais a vi, até hoje, e o meu desanimo tem sido profundo. Realmente, perde se assim uma menina que é talvez o mais bello anj da terra!

No dia seguinte fui procurar o Coelho, proprietario da confeitaria, para pagar-lhe os vidros; mas, o homem foi de um cavalheirismo *tout à fait chic*; não quiz nem á mão de Deus Padre que eu lhe pagasse o prejuizo.

Desde então, comecei tambem a frequentar diariamente a *Paulicéa*, em signal de gratidão ao Coelho e hoje sou um dos seus melhores freguezes, modestia á parte.

Quando hontem cheguei á casa, de volta da Bolsa, que é o meu posto, abri a minha carteira e reparei que tinha tomado nota das toilettes que se apresentaram na ultima noite do Lyrico e que aqui transcrevo:

Mlle. J. M.: Robe soie verte garnie de fleurs blanches aux champignons.

Mlle. L. I. M.: Jupon bleue avec des écrevisses garnie de dentelles noires. Beaucoup belle!

Mme. M. A.: Corsage noir sur le devant avec petits morceaux de Gambon d'York, et corsage blanc sur le derrière. Très joli!

Mlle. J. A.: Chapeau de paille orné de petits oiseaux—mouches en cabidella avec beaucoup de poivre; jupon bleu ciel garnie de feuillages vermeilles como la bouche des femmes jolies.

Mlle. L. L.: Corsage en velours noir aperté sur son buste elegant, jupon blanc orné de rubans bleues avec de petits poids sur le devant. Elle était tout à fait pschutt!

Tomei ainda nota de outras toilettes, que ficam para o proximo numero.

BARBALHO BEZERRA.

Collaboração homœopathica

A cessão de quinhentas leguas de territorio nacional não é outra cousa sinão a homenagem que Eu quero prestar ao progresso assombroso e ao character heroico desse glorioso povo Argentino que ha de ser em breve o primeiro povo da America, porque elle teve sempre por dogmas de sua conducta civica o amor entranhado ao trabalho, á economia e á ordem publica. E' esta a razão porque vemos sempre a bella cidade de Buenos-Ayres nadando em ouro e os argentinos cada vez mais acreditados na Europa.

(Chancelleria das Relações Exteriores)

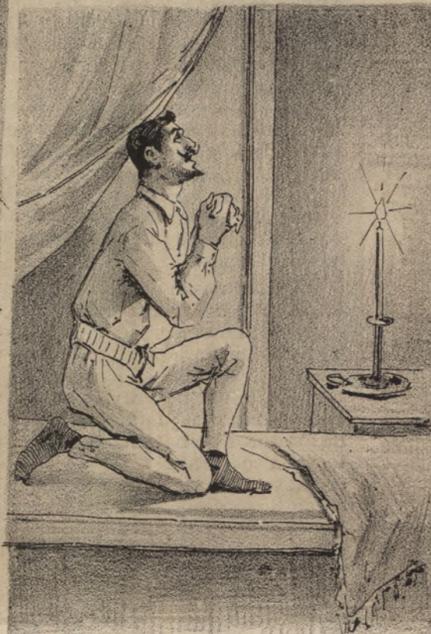


D. Caralampio fez uma viagem soberba! mas o que mais o deslumbrou foi a esplendida paisagem dos Campos de Santo Angelo. Divino!

Ao chegar á estação, D. Caralampio pulo pressuroso mette-se n'uma «caçamba» e ansioso por ver a bella cidade diz ao cocheiro: 'Toca para um hotel!

Chega ao de Franca e pergunta ao porteiro: -Póde me arranjar um commodo? -Não senhor, está tudo cheio, responde-lhe o cerbéro com certa importancia. D. Caralampio fica, pallido e diz para o cocheiro: -Toca para outro!

Chega ao Grande Hotel e com muita delicadeza pergunta: --O cavalheiro me fará o grande obsequio de dizer se tem um commodosinho vago? -- Meu caro Sur., ha 8 dias que está tudo tomado! D. Caralampio fica verde.



Grita para o cocheiro: --Toca adiante! E assim percorrea todos os hoteis e hospedarias de 4.º ordem e nada conseguindo fica azul de raiva.

No auge do desespero D. Caralampio vê uma senhora muito nedia e sobretudo atrahente de sympathy e dirigindo-se a ella, cortez e correcto como homem de boa roda: -- V. Exc. é certamente proprietaria de alguma hospedaria? Poderia arranjar-me um commodosinho em sua casa? -- Oh! meu caro senhor, está perfeitamente enganado; eu sou uma «cantareira» e só hospedo os filhos da Fortuna. D. Caralampio fica oxo e

enbarafusta pela primeira porta, bradando furioso: um quarto, d'aqui não saio! Irra! estou damnado. E era tal o desespero que, D. Caralampio ficou preto! Aparece-lhe então um homem bom e caridoso que o conduz a um quarto e lhe recolha as malas.

D. Caralampio depois de agradecer a Tupan este supremo beneficio, despe-se e antes de adormecer deita uma lagrima de saudade pelos entes estremecidos que deixou longe.

No outro dia D. Caralampio, depois de lavado e escovado, prepara-se para entrar em outra ordem de aventuras; porém mão grado seu, tinha as costellas, o pescoco e os hombros de tal modo maltratados pela rija tarimba, que quando conseguiu sair estava inteiramente fora da «linha».

(Continúa)

Hei de atochal-os com tantas exposições de motivos e tão compridos relatórios financeiros, que os brutinhos nem sequer hão de gemer quando eu lhes mandar o Botafogo escorropichar as algibeiras para receber cento por cento sobre os impostos actuaes, que são irrisoriamente pequenos.

CONFERE. — *Botafogo, vice-governador da Fazenda.*

Afinal, as cousas tem andado perfeitamente: depois da Penha do Rio do Peixe encontrei o Duarte.

B. MACHADO.

Correspondencia Lyrica

TELEGRAMMAS

MILÃO, 20.

Consta Figarote *Correio Paulistano* deixar musica, abrir casa barbeiro barbear mulheres cabelludas.

LONDRES, 20.

Consta critico musical *Estado de S. Paulo* diminuiu pés.

Caso commentado circulos officiaes.

ROMA, 19 (retardado)

Jornaes daqui commentam artigo de fundo triste facto ter *Nacional de Santos* feito representar *Traviata* S. José. Povo romano protesta em nome *Favorita*. Baixou cambio.

PARIS, 20.

Correu boato na *Bolsa* representar-se aqui *Moema* correcta e augmentada. Governo subvenciona. Verdi adhere. Cambio subiu.

(Do correspondente.)

PENHORADISSIMOS

Fomos honrados esta semana, com a visita dos seguintes cavalheiros, a quem enviamos nestas linhas o testemunho do nosso agradecimento:

Dr. Pedro Lessa, Léo de Affonseca, Dr. Veiga Filho, Leopoldo de Freitas, Dr. Pacheco Netto, Dr. Gomes Cardim, Dr. Irineu Villela, Alberto Souza, Dr. Joaquim Fernandes de Barros, Dr. Adolpho Moura, Dr. Faria Rocha, José Oswald Nogueira de Andrade, Euripedes Martins de Souza e Bernardo Veiga.

Fallando ao vento ..

Tambem, ninguem exige que o Congresso Nacional se atire assim com tanta sêde ao pote...

O caipira dos nossos sertões, o capitalista das nossas cidades, o fazendeiro chefe de partido, o cabo eleitoral, o jornalista, o povo todo, emfim, sabe perfeitamente o que vem a ser em nossa terra uma assembléa politica deliberante, nascida do suffragio popular, a que antigamente os jornaes chamavam *Parlamento* e a que hoje se chama Congresso Nacional...

Sabe-se perfeitamente que a assembléa parlamentar era feita e preparada a um aceno do governo e que os deputados de outros tempos não eram outros homens senão aquelles de quem o governo precisava para levar adiante os seus planos politicos.

O que era o Parlamento no tempo da monarchia, nós já o sabemos ha muito tempo, que para isso assistiamos constantemente ás mutações de scena do palco politico, onde os governos que duravam seis mezes desciam do poder enlameados e apupados pelas injurias dos que queriam subir, e onde os governos que subiam aggreuiavam camaras unanimes por entre o estrugir festivo dos foguetes e as aclamações adhesivas do povo. O que será o Congresso Nacional da primeira Republica, parece que começamos a saber agora...

A moção Zama veio a ser a primeira pedra de toque da idoneidade desse Congresso, de quem é preciso desde já suspeitar, porque ella veio mostrar que nem sempre o primeiro Congresso Constituinte de uma Republica sabe dar provas de sua independencia e do cumprimento dos seus deveres para com a Nação em nome da qual elle foi convocado e em nome da qual elle vai consolidar as instituições proclamadas por uma revolução.

A nossa propria praxe parlamentar, tão modesta e tão sophismada pelo capricho dos governantes, tinha estabelecido que o Parlamento, como organ legitimo da Nação, era o reflexo vivo da opinião e a instancia suprema onde se debatiam e se julgavam os interesses nacionaes.

Firmado nesse precedente altamente honroso para a nossa civilização, o deputado Zama apresentou ao Congresso a conhecida moção, onde o governo era notificado de que os representantes do povo esperavam dos poderes competentes a justa e severa punição dos autores do barbaro e criminoso attentado contra a *Tribuna*, e, onde se confiava no espirito de rectidão e democracia do governo provisorio, para que a liberdade de imprensa fosse mantida de modo inviolavel, na mais positiva significação do termo.

Parece-nos que essa moção não podia ser nem mais rasoavel, nem mais

democratica; mas, o Congresso, reunido em nome de uma revolução, levada a effeito para reivindicar direitos postergados, julgou provavelmente que essa era a occasião azada para dar arrhas ao governo da sua abnegação e do cavalheiroso desejo que mantém de não jogar absolutamente as peras com o senhor seu amo; e assim resolvido a não metter-se em funduras, reppelliu desde logo, com o anathema inappellavel do seu desprezo soberano, uma representação onde se pedia simplesmente garantias para a liberdade individual e garantias para a liberdade de pensamento.

E' claro que os homens do Congresso estão no seu direito, afastando da discussão tudo quanto não fôr arranjar a Constituição e tudo quanto não fôr agradar ao seu creador; mas, é preciso convir em que além do Congresso ha ainda sobre a terra alguma cousa que é preciso respeitar, principalmente quando esse respeito se pode tradusir na simples fidelidade ao cumprimento de um mandato.

Nem com tanta sêde ao pote, é o caso de dizer: porque o Congresso não precisava agarrar-se assim com tanta avidez ao primeiro pretexto que lhe atiraram para proclamar publicamente a sua absoluta solidariedade com o governo provisorio; nem o provisorio precisava tão intempestivamente dessa solemne demonstração de dedicada amizade.

Não nos parece conveniente que a Nação comece a reparar na semelhança que existe entre o Congresso actual e os Parlamantos passados. Agora, si os proprios deputados se querem incumbir de abrir-lhe os olhos e provocar-lhe o exame confrontativo, não será de todo descabido que ella assista daqui a algum tempo o encerramento deste Congresso com a firme convicção de que tanto valem as eleições da monarchia como as eleições da Republica.

E Deus nos livre que o povo chegue assim tão cedo a essa conclusão...

D. GIL.

CHRONICA DO RISO

Rir para não chorar, meu velho e estúpido burguez... Rir para não chorar!

S. Paulo precisava de uma gargalhada escandalosa para sacudir-lhe a lorpice vesga, de um estrabismo persistente de retrogradação em materia de alegrias vermelhas; de expansões sinceramente extraordinarias, de desprezo ao pulha, ao infame, ao sujo do papel moeda que, valha a verdade, paga o meu odio com a sua auzencia... deliciosa... porque, palavra! eu quero não ter dinheiro, quero andar em plena pindahya para odial-o, para viver de ti ó conforto dos po-

SECCÃO LIVRE

Martins Guimarães ao publico

I

Onde o auctor explica o seu apparecimento nestas columnas e mais cousas que se dizem a respeito.

Antigamente, quando D. Pedro 2º occupava o throno e os jesuitas de todos os calibres governavam o nosso paiz, eu era sempre apontado pelos homens do poder como um inimigo da ordem e da tranquillidade geral pelo simples facto de ser republicano de quatro costados, como me chamavam, e, como me gabo ainda de ser, porque estou convencido de que não pode haver democracia sem republica, nem pode haver progresso com a constituição tacaña da monarchia.

A sinceridade das minhas crenças democraticas attrahiu sobre mim o odio dos barões da monarchia, de tal modo que elles me diffamavam publicamente em conversas particulares, arredavam-me de todo e qualquer emprego que eu pudesse pretender e chegavam ao extremo de inventar de mim as maiores barbaridades, devassando a minha vida particular e dizendo até que eu vivia á custa do Ferrazinho.

As intrigas e as calumnias que moviam contra mim não tinham conta, e sabe Deus quanto esforço e quanta resignação não me foram precisos para evitar que eu tomasse um desforço pessoal de muitos infames que viviam a atassalhar assim a reputação dos outros.

Muitas vezes, quando os ataques á minha honra eram mais desenfreados e a minha indignação subia até ao ponto de me desequilibrar, eu recorria aos meus amigos politicos que me aconselhavam sempre a maior calma, dizendo-me que não estava longe o dia em que eu por minha vez me pudesse vingar dos meus gratuitos inimigos abarroados e viscondeados.

Posso hoje verificar como fui feliz em acceitar aquelles conselhos, e dou graças á minha estrella por ter sido tão cordato no meu procedimento, sempre dentro da lei. Os miseraveis bajuladores da monarchia estão hoje debaixo, e eu rio me soberanamente delles, com o riso zombeteiro e superior dos homens que sabem vencer. Pouco me importa que elles digam agora de mim o que quizerem. Eu estou de cima, e respondo com a palma da minha victoria.

Hoje, as cousas mudaram. Graças a Deus não preciso de nenhum emprego e posso fallar com independencia e com imparcialidade.

Esqueço todas as injurias que me atiravam os meus inimigos, porque elles o que tinham era inveja de mim. Eu os desprezo, e é quanto basta.

Nos degagés da politica fui sempre convencido e hoje posso dar com sinceridade a minha opinião sobre a mar-

cha das cousas na nossa terra, porque tenho muito bons elementos para isso.

O homem eminente que occupa a pasta das nossas relações exteriores, além de ser um companheiro antigo de imprensa e de outras lutas, é meu amado parente; declaro-o com a maior honra.

Não digo isto por pedantismo ou por me julgar superior aos outros, mas, sómente para verem que tenho elementos para fallar das cousas. O glorioso sr. Conselheiro Ruy Barbosa, cuja carreira deixou distanciado o systema expoliador do tal Visconde de Ouro-Preto, além de ser tambem meu parente, me distingue constantemente com as provas mais captivantes da sua alta e preciosa amisade

Tenho tambem um parente de posição definida, que é grão-vizir do sultão, na China, o qual me escreve constantemente e me confunde com toda a sorte de amabilidades. Tenho ainda muitos outros parentes e amigos que occupam as mais altas posturas da nação e graças aos quaes posso orientar a opinião publica e dirigil-a pelo verdadeiro caminho que leva ao progresso.

Repito que não digo estas cousas todas por pedantismo, mas, sómente para explicar a razão porque appareço hoje na imprensa, julgando-me no direito de aproveitar esses elementos para, com autoridade e com patriotismo, dizer aos meus concidadãos o que penso da marcha dos negocios em nossa terra.

Desde já declaro que applaudo sem reservas a politica verdadeiramente fraternal do governo em relação á resignação das Missões, porque não vale a pena fazer mais barulho com essa questão, que era o recurso com que contava a monarchia para asphyxiar a idéa republicana, fazendo a guerra com os nossos amigos argentinos.

Si é verdade que cedemos 500 leguas de terra, como dizem os intrigantes, não é menos verdade que o Brasil foi muito festejado no Rio da Prata, na pessoa do meu eminente e citado parente Quintino Bocayuva.

Tambem applaudo sem condições os alevantados planos financeiros do sr. Ministro da Fazenda, e tenho a firme convicção de que o Banco dos Estados Unidos do Brasil que agora está engatado ao Nacional, hade ficar em breve um colosso americano e não precisaremos mais dos bancos estrangeiros da Inglaterra e da França que só nos tem amisade para poderem comer os juros dos nossos cobres e assim enriquecerem á nossa custa.

S. Paulo, 8 de Bichat de 102 da Grande Crise (20 de Dezembro de 1890)

JOSÉ JOAQUIM MARTINS GUIMARÃES.

Largo da Sé n. 11

N. em S. José de Além Monte (Continente europeu) aos 14 de Julho de 1840.

bres e dos desgraçados; para viver de tua sonoridade argentina, da tua bulha de vidros espedaçados em pontas de punhaes, de ti ó meu querido, ó meu idolatrado Riso !...

Eu sei, eu estou convencido, eu estou convencidissimo de que tu, burguez, não me comprehendes, não me comprehendes mesmo, porque apenas te faz bem e te embasbaca a phrase estridente e alvar dos clowns de circo e dos comicos de operetas canalhas !

Fica sabendo, de hoje para todo o sempre, inimigo burguez, que tu és nesta vida de riso, o meu unico pranto, neste existir de flôres alorosas o meu unico espinho venenoso das minhas coleras; tu és, dentro de toda a radiação da luz dos dias que queimam voluptuosamente, a sombra molle e humida das minhas seismas e das minhas fundas melancholias...

Morre burguez ! morre infeliz, e faz pela primeira e ultima vez a maior desgraça que podem soffrer os carneiros e as sepulturas !...

* *

Espera desalmado ! perdoa-me... não morre, diabo !

Espera e vive, co'os demonios !

Vive; porque si és o meu luto, o meu,—fica entendendo—o meu luto, és a galhofa branca do resto do universo que risse, por sua vez, dos teus rires desdentados, das tuas exclamações gordurosas, que mais arrotas, findo o jantar, e menos exclamas...

Vive para a minha desgraça, mas, para o Riso do publico que me lê e que me goza todo o intenso pessimismo que me apodréce o sangue nas veias, que me faz estalar o craneo em allucinações orgiacas de máu-humor, do lédio alvoroçado de um louco pela liberdade, dentro de uma camisola de força !

* *

E' por isso que eu rio, é por isso que eu gargalheio, é por isso que ando, pela Paulicéa a dentro, a gritar risadas barulhentas á tua cara nedia, rosea, engordada a custa da cevada... (salvo seja) da cerveja e do lupulo da dita

Sim. Tu poderás rir do meu hysticismo.. Oh ! mas teu riso, tua alegria é tua morte, é o teu desmoronamento.

Ri para morrer. . mas, depois da minha morte, burguez ! porque eu heide morrer, um dia, para me rir pela primeira vez !

E esta é a Chronica do Riso do FF e RR ! ? . .

Ha loucos que fazem rir... O meu riso enlouquece ..

Eu bem sei... eu bem sei... A loucura é o riso do Bom Senso.

RIGOLETTO.



SIG.ª ADA BONNER
Soprano ligeiro da Companhia Lyrica

Lit. Martin Junior